

VÍRUS, CONTAMINAÇÕES E CONFINAMENTOS

PANDEMÍDIA

LabArteMídia

Almir Almas

Luís Fernando Angerami Ramos

Deisy Fernanda Feitosa

Daniel Lima

Lyara Oliveira

João Knijnik

(Orgs.)



ECA
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan
Vice-Reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandez

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ISBN 978-65-88640-14-2



ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro
Vice-Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

DEPARTAMENTO DE CINEMA, RÁDIO E TELEVISÃO
Chefe: Prof. Dr. Almir Antonio Rosa [Almir Almas]
Vice-Chefe: Prof. Dr. Rubens Arnaldo Rewald

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEIOS E PROCESSOS AUDIOVISUAIS
Coordenador: Prof. Dr. Eduardo Vicente
Vice-Coordenador: Prof. Dr. Atílio José Avancini

LabArteMídia - LABORATÓRIO DE ARTE, MÍDIA E TECNOLOGIAS DIGITAIS
Coordenador Geral: Prof. Dr. Almir Almas
Vice-Coordenador: Prof. Dr. Luís Fernando Angerami Ramos

Este livro foi elaborado durante a gestão do LabArteMídia acima

COMISSÃO DE SELEÇÃO:

Almir Almas (Escola de Comunicações e Artes/USP)
Luís Angerami (Escola de Comunicações e Artes/USP)
Deisy Fernanda Feitosa (Escola de Comunicações e Artes/USP)
Daniel Lima (Escola de Comunicações e Artes/USP)
Lyara Oliveira (Escola de Comunicações e Artes/USP)
João Knijnik (Escola de Comunicações e Artes/USP)

1ª Edição | São Paulo | 2020

Escola de Comunicações e Artes / USP

Parceria: Invisíveis Produções

Capa: "Em cada janela vejo um lugar, um novo lugar" de Leticia Santana Gomes

P189 Pandemíada [recurso eletrônico] : vírus, contaminações e confinamentos /
organização Almir Almas ... [et al.] ; projeto gráfico Daniel C F Lima. -
São Paulo: ECA-USP, 2020.
240 p. ; il.

ISBN 978-65-88640-14-2
DOI 10.11606/9786588640142

1. Quarentena - Aspectos sociais. 2. Covid 19 - Impactos sociais. 3 Audiovisual. 4. Arte.
5. Mídia. 6. Comportamento. I. Almas, Almir. II. Lima, Daniel C F.

CDD 23. ed. - 302.23

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194



Atribuição-SemDerivações-SemDerivados

CC BY-NC-ND

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Parceria:



NOVAS FORMAS DE LIDAR COM AS IMAGENS EM REDE A PARTIR DE UM PENSAMENTO DE CURADORIA INTERATIVA

Fernanda Oliveira e Paula Squaiella

Atualmente em uma sociedade totalmente remodelada pelas imagens, os sujeitos adquirem novas sensibilidades criativas e imaginativas em detrimento das novas possibilidades imagéticas geradas pelas tecnologias. Em um contexto como este, as imagens se transformam no principal meio de comunicação, concentrando e compartilhando uma grande quantidade de informações.

Essa lógica informacional, dependente das imagens, foi absorvida pela sociedade inaugurando o que seria um novo status da imagem, transformando-as em artefatos comunicacionais de natureza diversa e passível de vários significados. Tal fato é ampliado em um momento como este que vivemos, em que, as redes sociais e as plataformas digitais se apresentam como um catalisador de percepções, gerando sensações de que o mundo se estende para além daquilo com que se pode relacionar presencialmente.

A partir de questões como as citadas a cima, Fernando Velázquez, artista multimídia Uruguaio radicado no Brasil, que constrói suas obras a partir da leitura das condições cognitivas das imagens nos espaços informacionais e das relações entre natureza e cultura, discorre em seu texto *a peste da imagem* o poder comunicacional da imagem, de como sua massificação reconfigurou a cultura e como as mediações por imagens nos transformou em seres biologicamente imagéticos, fenômeno ainda mais evidente hoje em consequência das redes sociais.

Por sua imediatez e despretensão, a imagem no fluxo das redes sociais reduz uma grande quantidade de informação com significados abertos à disposição de pessoas letradas ou não letradas, permitindo uma comunicação mais direta e democrática.

A imagem é contagiosa como peste. Chegou devagar, sorrateira, mascarada, sedutora, técnica, sintética, violenta, tomou conta das coisas do mundo, quer dizer, tomou conta de mim, tomou conta de nós, tomou conta. Peste: fenômeno de propagação orgânica e emergente, com causas e efeitos que podem ser desconhecidos e/ou conhecidos, a priori descontrolados. Imagem: um fenômeno à deriva que nem peste, que nos afeta, nos transforma, nos domina. (VELÁZQUEZ, 2019, p. 83)

Na história mundial o surgimento de pestes já é recorrente, a peste negra, a cólera, a gripe espanhola, e agora o incerto corona vírus; para os religiosos as pestes vem como castigo, por não cumprir os mandamentos de Deus, para os espiritualistas a peste aparece por um desequilíbrio energético, como uma lição a ser aprendida para evoluirmos como seres vivos, já no texto de Velázquez a peste se manifesta como imagem, como um aparato tecnológico que “têm a capacidade de nos envolver de tal maneira que (...) revelam faces desconhecidas de nós mesmo, e alimentam a ansiedade e a desconfiança em relação ao futuro” (VELÁZQUEZ, 2019, p. 85-86).

A leitura de Velázquez exemplifica a inquietude que vivemos hoje, convivendo com uma ameaça invisível, um vírus que mantem as pessoas isoladas; deixando claro que se trata aqui das pessoas com poder aquisitivo para tanto, pois esse vírus, forçadamente, impacta nossa visão sobre a discrepante diferença social no país, onde não são os mais fortes que sobrevivem e sim os com melhores condições financeiras.

Mas essa praga de 2020, se assim podemos chamar, escancara o dominio dos dispositivos tecnológicos nas relações sociais cotidianas, em que a relação mediada por telas nunca se fez tão presente em nossa rotina, marcada por tantas videoconferências, *lives* e redes sociais. Velázquez afirma que “os dispositivos tecnológicos contemporâneos irromperam na vida cotidiana de tal maneira que estamos permanentemente em fluxo entre estados de consciência, em maior ou menor medida mediados por eles” (VELÁZQUEZ, 2019, p. 86). Este é o ponto de comparação da imagem como peste, onde, sem uma trégua na velocidade de informações mediadas por imagens, hoje, entre “posts, selfies, eleições suspeitas, fusões corporativas e pós-verdades” (VELÁZQUEZ, 2019, p. 83) não há meios de sermos imunes a ansiedade e as incertezas sobre futuro que uma peste propaga.

Nas palavras de Fernando Velázquez “a civilização não passa de uma ficção coletiva em tempo real” (VELÁZQUEZ, 2019, p. 92), mas como estar juntos, em tempo real se os acontecimentos estão sendo mediados e filtrados a todo instante por algoritmos, códigos invisíveis que nos condicionam a um distanciamento? Não sabemos se essa pergunta tem resposta, mas na busca de inverter os papéis, tencionar os algoritmos, controlar as imagens ao invés que ela no controle, se é que isso ainda é possível, veio a experiência com a performance @multidão, que buscou criar, ao longo de aproximadamente 25 horas, um espaço de compartilhamento coletivo, durante o tempo real que os algoritmos viabilizaram.

Criada para lidar com essa realidade de confinamento, a presença dos dispositivos tecnológicos no nosso cotidiano e o domínio das redes sociais no nosso dia a dia, a performance audiovisual coletiva @amultidao, foi uma iniciativa dos integrantes do *Grupo de Pesquisa Extremidades: redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea* Andy Marques, Christine Mello, Fernanda Oliveira, Larissa Macêdo e Paula Squaiella, e dos pesquisadores Demétrio Portugal, Denise Agassi e Luana Fortes, uma proposta de agenciamento das redes sociais através de produções artísticas

A ação se constituiu através de uma mobilização em rede, com o compartilhamento de imagens, sons, vídeos, desenhos, ações e performances durante aproximadamente 25 horas. Tais produções e experiências de intervenção nas redes eram direcionadas e agrupadas por hashtags, na plataforma Instagram, onde se concentrou os posts pelas coordenadas de seus algoritmos.

Após a realização da ação e com a emergência de lidar com os fragmentos imagéticos que surgiram desta, catalogados em forma de registros - feitos em quase sua totalidade, pois no fluxo das redes não é possível ter um controle completo do que é compartilhado, nasceu o pensamento crítico e a ânsia de realização de uma curadoria e exposição por parte da artista e pesquisadora Fernanda Oliveira e da crítica e curadora Paula Squaiella.

A principal vontade e questão, surgidas deste pensamento, se apresentaram na intenção de construir um espaço para exibir as imagens fora do seu contexto de concepção, as redes sociais, sem que fosse perdida a principal qualidade da ação: o seu potencial de navegabilidade e da troca com o outro.

Partindo destes pressupostos, das ideias já mencionadas e dos conceitos contidos no texto *da temporalidade radical em arte e mídia urbana* pela curadora dinamarquesa Tanya Toft Ag, surge a curadoria X, um exercício curatorial em processo, que traz a luz um realocamento do sujeito espectador de uma exposição como um sujeito ativo, compondo-a a partir de sua interação.

Neste sentido, o pensamento de um espaço expositivo, onde a intenção da curadoria se efetiva mediante a interação, se dá a partir dos principais aspectos das informações em rede, partindo de uma lógica de troca através da experiência para se configurar como uma curadoria artística midiática em rede.

Para tanto, se apresentam alguns conceitos que norteiam e fundamentam a curadoria X como uma experiência curatorial artística pautada na interação e na ação coletiva.

O primeiro conceito é o de *contingência contemporânea*, apresentado por Tanya Toft Ag como uma condição de troca entre a arte e seu contexto, sendo um conceito condicionante a uma arte liberta de regras e hierarquias, se apresenta como uma resposta direta a cultura visual contemporânea e a estética popular cotidiana. Sendo assim, a curadoria X se apresenta como uma plataforma de mediação artística indo aos extremos das questões ligadas a técnica ou suporte em que é feita, se situando nas interações e nas trocas com o outro e na incorporação daquilo que a norteia, situando-se na experiência mais do que no objeto, ajudando-nos a navegar pelas questões inerentes à ação performática ao propor uma intervenção na ação do sujeito.

Outro conceito apresentado, ao decorrer do texto de Tanya, é o da *temporalidade radical* por Boris Groys tido como uma qualidade artística derivada de uma arte pausada na experiência, apresentando a ideia de arte como “acontecimento”, um fenômeno em tempo real passível de interferências. Neste sentido, a curadoria X teria tal qualidade da *temporalidade radical* à medida em que para se concretizar a experiência é necessária a interação do sujeito em tempo real, sendo que em certas partes a interferência do sujeito com o espaço curatorial em rede acarretaria em experiências únicas providas, seja pela aleatoriedade da apresentação do conteúdo de forma randômica nas páginas, ou através da manipulação direta do conteúdo pelo gesto do sujeito, em que este teria como possibilidade a realização de associações próprias a partir do contato o conteúdo disponibilizado. Levando o conceito de *temporalidade radical* para um outro patamar, e seguindo as ideias da autora Tanya Toft Ag que nos introduz o entendimento de arte-mídia como sendo essencialmente enraizada na luz, onde comportamentos artísticos midiáticos como a *interatividade*, o *estar em rede* e a *sobreposição temporal*, anunciam um sentido de ruptura no tempo característico, de como a arte midiática incorpora o ambiente urbano e seu entorno, e sendo aqui a relação direta da luz na raiz da arte-mídia entendida como presença constante das telas e essas como mediadoras principais das relações comunicacionais contemporâneas, podemos considerar que o ambiente urbano hoje vive um estado constante de hibridiz entre o mundo online (luz) e offline.

Tal ideia também é defendida por Fernando Velázquez quando este afirma que os dispositivos tecnológicos já estão tão incorporados no nosso cotidiano que estamos permanentemente sendo mediados por eles. Neste sentido, a experiência curatorial, anunciaria uma quebra com os pressupostos curatoriais ao incorporar a performatividade da ação, sua qualidade interativa e todo o contexto de concepção em seu conteúdo e interface.

O último conceito apresentado no texto por Tanya Toft Ag é a ideia de *mediação radial* por Richard Grusin, usada para pensar como o sistema sensorio humano é evocado na presença da arte ativamente transformadora, por afetar nossos estados conceituais e afetivos. Seguindo esta lógica e como forma de resposta ao entendimento deste conceito, a curadoria X: surge como um meio de mediação que coloca o sujeito interator como o próprio mediador, ou seja, como parte do processo, da ação ou do evento que gera ou provê as condições sensoriais que os instigam a habitar nossos ambientes de um modo interativo, oferecendo espaços experienciais para contemplação e reflexão crítica.

Outro fato a ser pensado diante deste modelo curatorial é a questão da quebra com a elitização, a ideia de uma arte para poucos, a partir de um deslocamento da experiência estética para um ambiente interativo e pautado na imagem, sendo absorvidas pela curadoria X como o objeto artístico, propondo um acesso à arte e suas reflexões de forma mais acessível. Entendendo que ainda vivemos em um contexto onde a discrepância social se faz totalmente presente em um país onde apenas 70% da população possui acesso à internet.

O filósofo da imagem Vilém Flusser em seu livro *O mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação* diz que “a necessidade de comunicação é algo intrínseco ao homem, estopim da criação e desenvolvimento de linguagens”, a partir disso, num período como este, é de extrema urgência pensar como o ambiente comunicacional pode se hibridizar com um ambiente artístico.

Para existir no ambiente digital, as imagens precisam ser compartilhadas, acessadas e curtidas, após isso, elas retornam a um estado de invisibilidade, uma nova forma de latência criada por essa existência em rede, como sintetiza o artista e pesquisador Joan Fontcuberta em seu livro *A Câmera de Pandora: a fotografi@ depois da fotografia*:

Toda imagem infográfica é armazenada em um matiz numérico e só se torna perceptível ao olhar quando passa a suportes como a tela ou o papel. Ou seja, todo arquivo digital em formato gráfico é de fato uma imagem latente. O mecanismo dessa latência eletrônica se caracteriza, além disso, por ser reversível, ou seja, por poder devolver a imagem final a sua fase latente prévia. (FONTCUBERTA, 2012, p41)

Em um período de crise política e social como o que nos encontramos, estes novos modos de expor e pensar a arte são de suma importância, dado que a necessidade de

refletir o espaço cultural como um lugar de experimentações, voltado a criação de posições críticas, o transforma em um espaço de resistência, invenção e luta, pensando nisso se construiu esse ensaio de pensamento crítico sobre um exercício curatorial de fragmentos presentes nas redes sociais e como dar conta de transportar esses fragmentos, tira-los da latência imposta pelos algoritmos.

Pensando uma forma mais direta de interação onde a ativação da curadoria depende da participação ativa do sujeito, deslocando o espectador do lugar de observador para o lugar do espectador ativo. Fazendo com que o sujeito para ter acesso a algum tipo de visualização das imagens, precise interagir diretamente com o “jogo” proposto pela curadoria, buscando imagens que compartilhem qualidades entre si, desconstruindo uma lógica curatorial em que o espectador ou no caso sujeito apenas receberia de forma passiva a seleção e as associações criadas pelo curador, de modo a construir uma nova experiência estética a partir das imagens que circulam nas redes hoje.

REFERÊNCIAS:

As grandes epidemias ao longo da história. In: Revista Super Interessante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/saude/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/>>. Acesso em: 01 mai 2020.

FONTCUBERTA, Joan. *A Câmera de Pandora: a fotografia@depois da fotografia*. São Paulo: Editora G. Gili, 2012.

FLUSSER, Vilém. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

MELLO, Christine (Org.). *Extremidades: experimentos críticos - redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

TOFT, Tanya. *Da temporalidade radical em arte-mídia (urbana)*. In PORTUGAL, Demétrio; BAMBOZZI, Lucas (org.). *O cinema e seus outros: manifestações expandidas*. São Paulo: Equador, 2019.

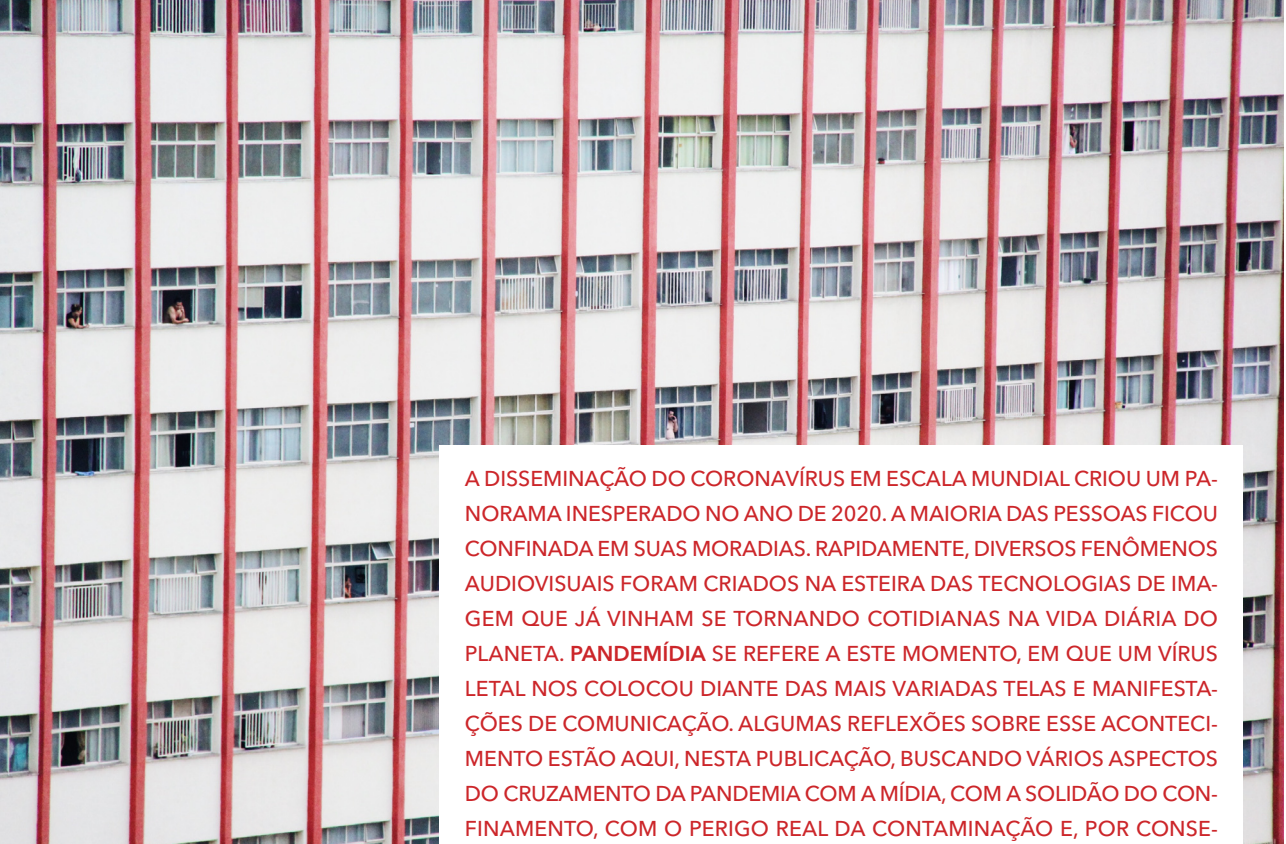
VELÁZQUEZ, Fernando. *A peste da Imagem*. In PORTUGAL, Demétrio; BAMBOZZI, Lucas (org.). *O cinema e seus outros: manifestações expandidas*. São Paulo: Equador, 2019.

FERNANDA OLIVEIRA

Artista e pesquisadora multimídia. Mestranda em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNICAMP (bolsista FAEPEX 2029/19). É especialista em Fotografia pela FAAP (2018), bacharel em Artes Visuais pela Universidade Belas Artes de São Paulo (2015) e fotógrafa profissional pela Escola Panamericana de Artes (2010). Sua pesquisa está voltada na proposição do desenvolvimento de estudos e práticas sobre mediações interespecies - deslocamentos e conexões entre humanos e não humanos - como um espaço de experimentação em torno de uma estética híbrida.

PAULA SQUAIELLA

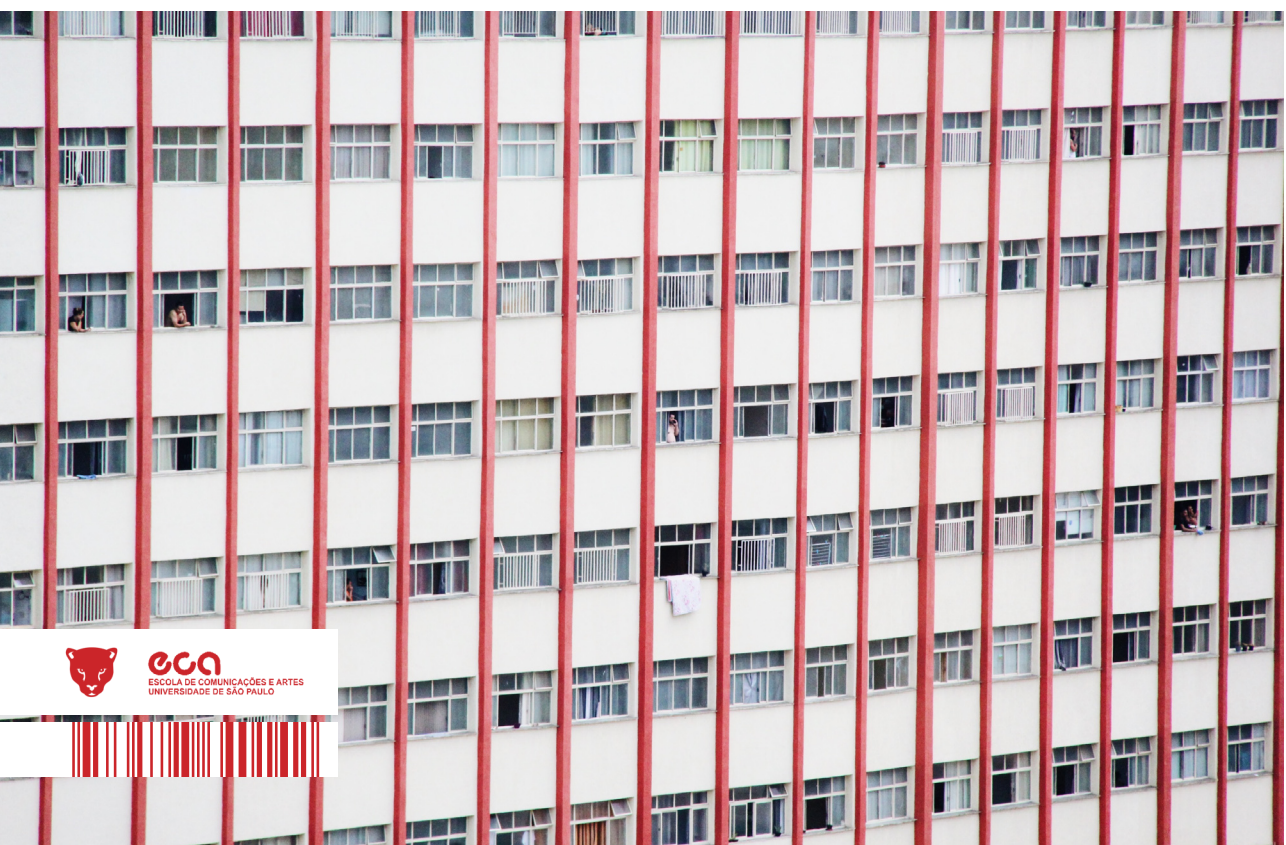
Curadora e comunicóloga multimidiática formada pela PUC-SP. Desenvolve pesquisa nas áreas de crítica, curadoria e acervos em novas mídias, tendo realizado sua primeira exposição videográfica, intitulada "Estados Alterados" em 2019. Atualmente é integrante do Grupo de estudos Extremidades: redes audiovisuais, cinema, performance e arte contemporânea, onde desenvolve pesquisas e atua na Gestão da Coleção de Livros "Extremidades Experimentos Críticos".



A DISSEMINAÇÃO DO CORONAVÍRUS EM ESCALA MUNDIAL CRIOU UM PANORAMA INESPERADO NO ANO DE 2020. A MAIORIA DAS PESSOAS FICOU CONFINADA EM SUAS MORADIAS. RAPIDAMENTE, DIVERSOS FENÔMENOS AUDIOVISUAIS FORAM CRIADOS NA ESTEIRA DAS TECNOLOGIAS DE IMAGEM QUE JÁ VINHAM SE TORNANDO COTIDIANAS NA VIDA DIÁRIA DO PLANETA. PANDEMÍDIA SE REFERE A ESTE MOMENTO, EM QUE UM VÍRUS LETAL NOS COLOCOU DIANTE DAS MAIS VARIADAS TELAS E MANIFESTAÇÕES DE COMUNICAÇÃO. ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ESSE ACONTECIMENTO ESTÃO AQUI, NESTA PUBLICAÇÃO, BUSCANDO VÁRIOS ASPECTOS DO CRUZAMENTO DA PANDEMIA COM A MÍDIA, COM A SOLIDÃO DO CONFINAMENTO, COM O PERIGO REAL DA CONTAMINAÇÃO E, POR CONSEQUÊNCIA, DA MORTE. NA CRISE SANITÁRIA QUE SE INSTAURA SOMAM-SE AS CRISES PESSOAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS, MAS TAMBÉM UMA EXPLOSAO CRIATIVA QUE DELAS DECORRE.

VÍRUS, CONTAMINAÇÕES E CONFINAMENTOS

PANDEMÍDIA



ECA
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

